
Mapeamento dos coletivos de mulheres na fotografia brasileira contemporânea: os processos e a criação em rede no Brasil.¹

Charlotte PEDROSA²

Greice SCHNEIDER³

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

O presente artigo busca explorar a emergência de coletivos fotográficos no Brasil no período de 2018 a 2023. Esses coletivos têm desempenhado um papel crucial na ampliação de novos espaços para as fotógrafas e os fazeres fotográficos. O trabalho tem como objetivo mapear esses coletivos, entender seus processos políticos, criativos e estruturais, destacando a importância da criação em rede.

PALAVRAS-CHAVE: Coletivos fotográficos, Fotografia, Gênero, Mapeamento

CORPO DO TEXTO

Ao final da primeira década do século XXI o engajamento de mulheres no processo de construção de coletivos e coletivas fotográficos no Brasil configura uma tendência crescente que debates acerca da presença de mulheres na fotografia, assinalando para uma atuação independente dessas fotógrafas nas produções criando espaços de visibilidade. O presente artigo tem como objetivo mapear a atuação desses coletivos e coletivas de mulheres no cenário fotográfico brasileiro contemporâneo, considerando seus modos de fazer que desenvolvem nos cruzamentos entre fotografia e feminismos em rede. O cenário deste problema é marcado pelo questionamento sobre como esses coletivos e coletivas se organizam e o que move essas mulheres a atuar nos chamados coletivos fotográficos contemporâneos. Ao entender o que move essas mulheres e como

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação de Comunicação da Universidade Federal de Sergipe. email: charlote.borges@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFS, e-mail: gschneider@academico.ufs.br.

elas constroem suas redes de apoio e colaboração, pretende-se investigar as complexas interações entre identidade e ativismo no contexto da fotografia contemporânea no Brasil.

A noção de coletivo adotada aqui pode ser entendida como uma forma de organização social e política que emerge na sociedade a partir de interesses e objetivos comuns (Gohn, 2022). Esses grupos se formam em torno de causas específicas, buscando promover mudanças sociais, políticas ou culturais. Especificamente sobre coletivos de mulheres, Gohn destaca sua importância na promoção de mudanças sociais e na conquista de direitos. Ela analisa como esses grupos utilizam a mobilização e a solidariedade para enfrentar desigualdades de gênero e empoderar as participantes. Em contrapartida as definições acerca do recorte de político (2022), será abordado as perspectivas pragmáticas conceituais de coletivos fotográficos contemporâneos estabelecidas por autores como: Queiroga (2015), Entler (2011), Corrêa (2019), Paim (2009), Albuquerque (2006).

A ótica coletivista dessas mulheres fotógrafas e feministas, prevê a independência e desierarquização formado por um grupo de pessoas unidas por interesses comuns, e que desenvolvem ações práticas de uma chamada “cultura de oposição”, característica que vai para além da prática do coletivo, trata-se também da crítica coletiva ao modelo de sociedade contemporânea, por isso possuem uma estrutura flexível, horizontal e principalmente política, conforme aponta as pesquisadoras, Valle e Gamarra (2021) “A vivência em coletivo nos mostra da urgência em se formular contradispositivos, que desmontem a lógica fotográfica hegemônica e apresente novos caminhos mais horizontais, acolhedores, fluidos, críticos, na compreensão de que a fotografia extrapola a superfície das imagens.” (Valle e Gamarra, 2021, p. 125).

Os coletivos fotográficos contemporâneos foram aqui examinados a partir de um recorte de gênero (Butler, 2015), que é entrelaçado com diversas temporalidades, historicidades e localidades, permitindo expandir as discussões sobre os feminismos ao tornar visíveis outros marcadores sociais da diferença (como gênero, classe, raça, geração, etc.) no processo de construção social do sujeito. Dessa forma, afasta-se das generalizações e universalização normativas centradas no homem branco ocidental, abrindo espaço para perspectivas que valorizam a diversidade de corpos e identidades.

Além disso, a investigação parte de uma abordagem decolonial (Azoulay, 2021), referente a forma como a fotografia tem sido usada historicamente para reforçar hierarquias sociais e o controle estatal, especialmente em contextos de colonialismo e opressão. No entanto, ela também vê a fotografia como uma saída democrática que pode ser usada para dar visibilidade a experiências marginalizadas e para contestar narrativas dominantes.

Esse artigo será dedicado à primeira etapa do mapeamento, a partir do Método Cartográfico de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1980) para mapear os coletivos e coletivas de mulheres no Brasil. Esse método é especialmente adequado para captar a multiplicidade e a fluidez das práticas desses grupos, permitindo uma análise dinâmica e complexa dos territórios que eles ocupam e das redes que formam. A cartografia não se limita a uma simples localização geográfica; ela envolve a identificação das relações, das redes, dos fluxos e processos que caracterizam a atuação desses coletivos, oferecendo uma visão ampla e detalhada de suas práticas e interações no cenário contemporâneo.

É na Sociedade em rede (Castells, 2009), que os coletivos e coletivas de mulheres fotógrafas podem ser entendidos como grupos de indivíduos que se unem para alcançar objetivos comuns, compartilhando interesses, ideias e recursos imagéticos através das redes digitais, proporcionando uma interconexão e comunicação entre essas mulheres, além das suas atuações serem fundamentais para o fortalecimento da igualdade de gênero, na desconstrução de estereótipos e na criação de espaços inclusivos e diversificados na indústria criativa brasileira.

A fim de visualizar e compreender melhor a complexidade do objeto estudado, dei início ao mapeamento dos coletivos e coletivas, o primeiro passo foi fazer uma busca manual no instagram utilizando a palavra-chave e hashtag: coletivo fotográfico definindo algumas categorias em tabela como: nome do coletivo/coletiva, se está ativo/ativa, quantas membros, se tem carta manifesto, link das redes sociais, email, pequena descrição a partir das suas redes, nome de cada membro, localidade de atuação, categoria das fotografias e tipo de atividade do coletivo. Foram localizados inicialmente 21 coletivos e coletivas em território nacional, de novembro de 2023 a abril de 2024 o quantitativo foi atualizado para 26 no total, concentrando-se 7 coletivos com abrangência de atuação nacional, 3 com atuações regionais e 14 com atuação local.



Após o levantamento e ao perceber a partir das suas descrições nas redes sociais o formato de estruturação interna e dos trabalhos fotográficos publicados entendi que o território costura não só as questões das atuações desses coletivos mas o tripé central da presente pesquisa (gênero, fotografia e coletivos). Nesse sentido e a fim de visualizar de forma cartográfica uma das perguntas metodológicas sobre “onde estão esses coletivos e coletivas?”, parti para a etapa da execução do mapa, separando por categorias as regiões do país por atuação nacional, regional e local com o objetivo de investigar como essas mulheres ocupam o território e organizam suas atividades.

Nesta segunda etapa, iniciei os critérios de análise fazendo um recorte temporal de 5 anos (2018 a 2023), selecionando 3 coletivos e coletivas por categoria de atuação geográfica a fim de observar suas produções e os posicionamentos online no ciberespaço a fim de entender de que forma as questões sociopolíticas impactam nas flutuações das suas atividades, ou seja no tempo e espaço de cada coletivo e coletiva e nas pautas fotográficas.

A escolha pelo ano do ponto de partida do recorte ser 2018, se deu por três marcos históricos: movimento #elenão, manifestações populares lideradas por mulheres que ocorreram em diversas regiões do Brasil e do mundo, em protesto contra a candidatura à presidência da República do, na época, deputado federal Jair Bolsonaro, eleições do ex-presidente Jair Bolsonaro (PSL, atual União Brasil) e o assassinato da vereadora

Marielle Franco (PSOL -RJ). Para um melhor entendimento visual e cronológico desse recorte, foi feito uma linha do tempo.

Os coletivos e coletivas escolhidos para análise foram, YVY Mulheres da Imagem com atuação nacional, Mamana Fotocoletiva com atuação Regional e o Punho Coletivo com atuação Local. Os critérios de escolha partiram dos seguintes aspectos: carta manifesto, as mobilizações online nesses períodos, os fluxos de postagens, periodicidade entre as pautas e a perspectiva da construção das narrativas imagéticas.

O mapeamento dos coletivos e coletivas de mulheres na fotografia brasileira contemporânea evidencia um movimento significativo que está redefinindo o cenário fotográfico no país. A criação em rede e os processos colaborativos são fundamentais para a sustentabilidade e crescimento desses grupos. Este estudo contribui para a compreensão da dinâmica desses coletivos e destaca a importância de continuar apoiando e promovendo a representatividade feminina na fotografia.

Os resultados desse primeiro mapeamento revelam a importância dos coletivos de mulheres na construção de um campo fotográfico mais inclusivo e diversificado. A participação ativa dessas fotógrafas em redes colaborativas fortalece suas práticas criativas e amplia suas possibilidades de atuação. Os coletivos desempenham um papel crucial na educação e conscientização sobre questões de gênero e representatividade na fotografia. Este estudo contribui para a compreensão da dinâmica desses coletivos e destaca a importância de continuar apoiando e promovendo a representatividade feminina na fotografia.

REFERÊNCIAS

- AZOULAY, Ariella. *The civil contract of photography*. 2021.
- DA GLÓRIA GOHN, Maria. **Ativismos no Brasil: Movimentos sociais, coletivos e organizações sociais civis-Como impactam e por que importam?**. Editora Vozes, 2022.
- DO VALLE, Isabella Chianca Bessa Ribeiro; GAMARRA, Maíra Costa. Coletivos de fotógrafas na América Latina: um estudo de caso do 7Fotografia. **Iuminuras**, v. 22, n. 59, 2021.

ENTLER, Ronaldo. Os coletivos e o redimensionamento da autoria fotográfica. **Studium 32**, Campinas, v. 32, n. 1, pp. 33-51, 2010.

GUATTARI, Félix; DELEUZE, Gilles. Mil platôs. **Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro**, v. 34, 1995.

hooks, Bell. **Teoria feminista: Da margem ao centro**. Editora Perspectiva SA, 2020.

PAIM, Claudia Teixeira. **Coletivos e iniciativas coletivas: modos de fazer na América Latina contemporânea**. 2009.

QUEIROGA, Eduardo. **Coletivos fotográficos contemporâneos**. São Paulo: Appris, 2015.